

QUEM NÃO É VISTO NÃO É LEMBRADO

* Roberto Rodrigues

Lembra-se do “seu” Cunha da farmácia? Era o florão cultural de Cruz Branca do Meio, oráculo dos mais assustados, conhecedor das fraquezas humanas, contumaz tomador de cachaça no sítio do Nico da Força e conselheiro para todas as causas.

Mas tinha um problema, o pobre: morria de medo de morrer, sem jogo de palavras.

Este pavor era tanto que sequer comparecia a enterros e nem mesmo missas de sétimo ou mais dias. Uma vez um amigo lhe perguntou porque esta aversão por velórios, cemitérios, missa de encomendação, e ele respondeu:

– “Eu me abstenho mesmo de ir a estas coisas porque quem não é visto não é lembrado”. Santa sabedoria!

Por causa do seu pavor da morte, vivia se cuidando contra todo tipo de riscos. Era precavido com doenças, tomava todas as vacinas existentes e certa vez chegou a pedir a uma benzedeira que lhe fechasse o corpo contra mordida de cachorro. Mesmo assim, sempre que via algum cachorrão com a boca cheia de dentes, dava volta para não emparelhar com o bicho. Mas não funcionou. Uma noite, quando fechava a farmácia, assustou um fox paulistinha passante com o barulhão da porta de correr e levou uma mordida ardida no calcanhar esquerdo. Doeu, e, nervoso e irritado, foi se queixar com a benzedeira: – “Que diabo de benzeção foi essa, tia Dita? Não funcionou! Acho que você me enganou e me tomou cincão sem prestatça! Pode devolver o dinheiro e ainda vai me pagar o curativo e a vacina contra raiva!”.

E a velha, malandrinha:” – Que que é isso, sô Cunha! A bênça foi boa, mas só esqueci de avisar que em hora assim tem que ajudar com pedra!”...

Bom, mas com medo de morrer e tudo, o farmacêutico gostava mesmo era de mulher. E sobrava-lhe coragem para aventuras extras.

Foi assim que começou a rodear a mulher do administrador do seu sítio, uma Mariazinha ajeitada, que deu também para rir para ele, meio de longe e de lado. Devagar foi diminuindo a distância até chegar às vias de fato. Daí em diante, pelo menos 3 vezes por semana ia ao sítio depois do almoço, mandava o capataz fazer algum servicinho mais longe e trunfava a Mariazinha. O tempo passou, ele foi relaxando no cuidado, ela também, e já tinha gente comentando. Parece que até o Juquinha, o capataz andava desconfiante ou sapiente da mandronice.

E foi que um dia, chegando no sítio com a vontade assanhada, já babando no antecimento, o Cunha topou com o Juca. Deu-lhe uma ordem arrevesada, o sujeito ficou como que não queria ir, mas no fim aprumou na direção mandada. Deu uns 4 passos, parou, voltou, disse:

– “Vou lá patrão, mas volto logo porque quero ter uma conversa séria com vosmicê. Tô sabendo uma coisa que quero discutir, e é sério mesmo”.

Pronto! O Cunha assombrou-se, veio o medo da caveira. Já não conseguiu cumprir o compromisso com a moça que estava tão alegriinha, contando com um brinquinho novo prometido, e perdeu a paz. Ficou ali,

marombando em volta do curralzinho, chupou uma manga coquinho que achou azeda, e não sabia como sairia dessa:

“E agora? O Juca já sabe e vai me matar no caminho do Meio”. Tinha uma garrunchinha 22 no porta luvas do fusquinha velho, enfiou-a no bolso e resolveu ir embora mais cedo. Foi atrás do capataz, embarcou-o e pegaram a estrada de terra. A viagem durava uns 40 minutos. E o Juca quieto, sério, firme. E o Cunha encagaçado, esperando o tento.

Como iam chegando e o Juca nada dizia, o farmacêutico o interpelou, voz estrangulada: “E aí, rapaz, qual é o assunto?”

“Ah, “seu” Cunha, estou muito aborrecido, mas tenho que lhe falar: a Maria está traindo nós com o peão do vizinho”...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**